



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

REITORIA

Senhor Reitor da Universidade de Lisboa
Senhores Vice-Reitores
Senhores Membros do Conselho Geral
Senhores Presidentes das Câmaras Municipais de Coimbra e da Guarda
Senhor Presidente do Tribunal da Relação de Coimbra
Senhor Comandante da Brigada Ligeira de Intervenção
Senhor Capelão da Universidade de Coimbra
Senhor Presidente da Direção Geral da Associação Académica de Coimbra
Senhores Doutores
Senhores Senadores
Caros Antigos Estudantes
Caros Estudantes e Funcionários
Senhores Jornalistas
Minhas Senhoras e Meus Senhores

[I - A situação atual]

Vivemos tempos muito exigentes. A transferência para a Ásia de uma parte substancial da produção de riqueza no mundo obriga a sociedade ocidental a viver com menos dinheiro. Este reajustamento é doloroso, pois ninguém gosta de empobrecer. É particularmente amargo em países como Portugal, que não souberam construir uma economia com solidez suficiente e que não tiveram a disciplina necessária para evitar o círculo vicioso de sucessivamente contrair empréstimos novos para pagar os que anteriormente se fizeram.

A insensatez da crença no crescimento contínuo, a cegueira de não perceber que há só uma Terra, com recursos limitados, levaram à loucura de chamar investimento ao que é despesa, apenas para justificar pagar frivolidades com dinheiro emprestado. O crescimento futuro tudo permitiria pagar, dizia-se. Assim surgiram os estádios do Euro 2004, as auto-estradas replicadas por todo o lado, e se desculpabilizou quem criou défices inimagináveis nos setores mais diversos, dos transportes à saúde, das autarquias à banca.

A situação é de enorme gravidade. Com os juros da dívida grega no mercado secundário a atingirem mais de 100% (já nem é usura, mas loucura!), é de vital importância para Portugal que não nos aconteça o mesmo. Temos de ser capazes de atingir os objetivos de 5,9% do PIB de défice este ano, 4,5% em 2012 e 3% em 2013. Permitam-me, já agora, expor um dos mecanismos que tem sido usado para nos enganarmos. A maneira mais adequada de representarmos o défice (a fim de adquirirmos real noção de como temos estado a ultrapassar o limite do dinheiro disponível) é defini-lo antes como percentagem da receita corrente: a troika vincula-nos a que em 2011 não ultrapássemos aproximadamente 15% de défice da receita do Estado. Em 2012, o limiar que não poderemos transpor é 11%, e em 2013 7%. Se representados como percentagem do PIB, os défices aparentam ser muito menos elevados do que são na realidade, levando-nos a desvalorizar o desequilíbrio em que as contas de facto se encontram.



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

REITORIA

O que muitos portugueses não sabem, porém, é que há um sector em Portugal que não gerou défices nem contraiu empréstimos: o Ensino Superior. Não é por acaso que a troika não nos faz qualquer referência no seu memorando. Nós não somos um problema para o país. Fazemos, sim, parte da solução.

Cabe aqui à Universidade de Coimbra uma responsabilidade muito especial. Temos sido, de há séculos a esta parte, um dos esteios de Portugal. Neste momento de necessidade, temos de desempenhar esse papel com especial empenho.

Em primeiro lugar, solidarizando-nos com o resto do país. O corte de 8,5% nas transferências do Orçamento de Estado que vamos ter em 2012 é muito duro, são 7 milhões de euros a menos, mas é suportável. Vamos partilhar essa dor com o país.

É uma dor intensa: ficamos no absoluto limite da capacidade para funcionar. Note-se que já há muito que deixámos de viver só do Orçamento de Estado. Em 2012 o Estado transferir-nos-á 80 milhões de euros, mas os nossos custos só com pessoal são de 98 milhões.

Com as transferências do Estado e todas as propinas conseguiremos cobrir os gastos de funcionamento necessários para manter a porta aberta com dignidade (salários, água, eletricidade, limpeza, segurança, instalações), sem comprometer a qualidade do ensino. Para todas as outras despesas, vamos precisar de usar outras receitas próprias. Não vamos proceder a nenhum aumento generalizado de propinas, mas sim candidatar-nos a ainda mais projetos de investigação e desenvolvimento (os projetos europeus têm de ser uma prioridade – não há dinheiro em Portugal, só lá fora!), vamos prestar consultoria e serviços especializados, vamos fazer mais formação avançada. Não podemos deixar qualquer oportunidade por explorar, e temos nós próprios de aparecer com propostas não solicitadas, de qualidade, junto de potenciais parceiros e financiadores. O vice-reitor professor Amílcar Falcão, por exemplo, vai daqui a uns minutos ter de se ausentar para ir a Lisboa a uma reunião no Ministério dos Negócios Estrangeiros com vista a estudar a nossa participação num ambicioso programa de bolsas lançado recentemente no Brasil, que nos pode trazer muitos estudantes de qualidade, essencialmente de doutoramento.

Só com uma mobilização total da Universidade – dos docentes e investigadores, mas também dos estudantes e dos funcionários – poderemos atingir o volume de receitas de que necessitamos. Vamos também analisar todos os nossos gastos e descobrir formas de sermos mais eficientes, concentrando-nos nas nossas atividades principais: o ensino, a investigação, a transferência de conhecimento para a sociedade.

A Universidade de Coimbra é um dos esteios de Portugal! Nós vamos ser capazes.



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

REITORIA

Nestes momentos percebe-se muito melhor o que significa dizer que o decisivo numa Universidade são as pessoas. A sua energia e coragem, potenciadas pelo desafio que a crise nos traz, é que fazem realmente a diferença. E a solidez dos depositários duma tradição de sete séculos vai, mais uma vez, representar o fator decisivo nos duros momentos que se aproximam. Quero aqui realçar muito em particular o valor da contribuição dos estudantes, quer individualmente quer através de estruturas coletivas como a Associação Académica de Coimbra, por poder parecer que seria o corpo universitário que tem neste esforço um papel menor. Puro engano. Uma das vantagens mais decisivas das Universidades em relação a qualquer outra instituição de produção de saber é precisamente o influxo contínuo de nova energia, de novas ideias, que a contínua chegada de estudantes nos traz. São eles quem, tantas vezes, fazem a diferença.

Há no entanto uma coisa que, essa sim, exigimos ao Estado: liberdade para encontrar a nossa própria receita. Não nos podem impor cativações nem reservas sobre a receita própria, não nos podem limitar os usos dessa receita, não nos podem congelar a poupança que nos permite investir. Se não nos dão todo o dinheiro de que precisamos (e compreendemos que o país não tem condições para o fazer), não nos podem impedir de o arranjarmos nós. Exigimos que o Estado não nos atrapalhe.

Em segundo lugar, temos de ajudar Portugal a encontrar caminhos de construção do futuro. Os cortes, só por si, não resolvem nada, se não houver capacidade de produção de riqueza. Qual o modelo de desenvolvimento de Portugal, no período pós-crise? Será voltarmos ao regime da mão-de-obra barata, desta vez competindo com os salários dos trabalhadores chineses? O retrocesso social que tal modelo implicaria é tão pesado que não vejo ninguém a defendê-lo. Também não dispomos de recursos suficientes para enveredar por um tipo de desenvolvimento baseado no petróleo (que até talvez exista na costa portuguesa em quantidades moderadas), e são igualmente exíguas as hipóteses de esse modelo vir a assentar, só por si, no aproveitamento de qualquer outro recurso natural. Apenas um modelo de desenvolvimento cuja base é o *conhecimento avançado* possui o potencial de gerar a riqueza de que Portugal tanto precisa. E é nas Universidades que existe a maior parte desse conhecimento avançado. O reajuste estrutural que estamos a sofrer tem de preservar as sementes do futuro: o agricultor que não sabe preservar durante o Inverno algum do seu trigo não consegue semear na Primavera a seara para o ano seguinte.

Tenhamos uma perspetiva clara das coisas: o corte de 2012 no ensino superior português, afetando universidades e politécnicos, será de cerca de 100 milhões de euros, deixando exangues as instituições que são a esperança de Portugal. Ao mesmo tempo sabe-se, por exemplo, que o Estado central e local deve mais de 1300 milhões de euros às empresas de construção. Portugal tem de decidir quais são as suas prioridades.



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

REITORIA

Em 2013 vai haver grandes cortes na despesa, novamente (basta ler o memorando da troika), mas o formato usado para 2012 não vai poder voltar a ser aplicado ao ensino superior português, pois com outro corte semelhante as Universidades Portuguesas já não conseguirão abrir a porta. Vai ser preciso escolher o que é para continuar, mas também o que é para fechar ou fundir, parcial ou totalmente. A tão falada reorganização da rede do ensino superior terá de ser feita. Será uma escolha dolorosa para o Governo, mas incontornável. Os cortes cegos e uniformes são, além do mais, um enorme desincentivo à boa gestão, pois quer se trabalhe bem, quer se trabalhe mal, apanham todos por igual.

A Universidade de Coimbra é semente do futuro de Portugal!

Vejo ainda com grande preocupação os problemas com que se depara o apoio social aos estudantes, que vai inevitavelmente ser também afetado pelos cortes. Nada simboliza mais fortemente a promessa de igualdade de oportunidades de uma sociedade democrática do que a possibilidade de aceder ao ensino superior. Quem tem mérito e capacidade para frequentar a Universidade – por exemplo, a de Coimbra – não pode ser afastado pela sua condição financeira. A Universidade de Coimbra empenhar-se-á, como no passado, neste assunto. Não é por acaso que temos, de longe, os maiores (e perdoem-me a imodéstia, os melhores!) serviços de ação social de Portugal.

[II - A atividade da UC]

Mesmo neste ambiente recessivo, a Universidade de Coimbra tem continuado a aumentar a sua atividade, e creio firmemente que vai prosseguir nesse rumo. Reafirmo aquela palavra simples que vos trouxe quando tomei posse, cada vez mais necessária nestes tempos tão incertos: o otimismo. Não se trata de irrealismo, como alguns poderão pensar. Trata-se antes da profunda crença nos professores e investigadores, nos estudantes, nos funcionários da UC e na sua capacidade transformadora.

Uma palavra sobre a administração central da UC. Conheço bem as dificuldades que tem havido este ano, no arranque deste processo tão complexo que é a criação do Centro de Serviços Comuns. Creio ser visível para a maioria o progresso já conseguido desde o início do ano, e quero por isso saudar o esforço intenso de muitos colaboradores do CSC. Eles são uma das esperanças da Universidade. Reconheço que ainda há muitos passos a dar, mas estamos a fazer esse caminho com enorme empenho.

Continua a avançar sem desfalecimentos o desenvolvimento do nosso ecossistema de inovação e empreendedorismo, através do próximo acelerador de empresas do Instituto Pedro Nunes, pela expansão do Biocant, pela consolidação do iParque e pela próxima concretização do Parque de Energia em Montemor-o-Velho. A decisiva relevância do conhecimento gerado na Universidade de Coimbra para o desenvolvimento económico da região e do país é cada vez mais evidente.



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

REITORIA

Mantemos uma larga carteira de investimentos, que estamos convencidos poderão concretizar-se apesar da crise, num valor superior a 50 milhões de euros. É o Tribunal Judicial e Universitário Europeu, a subunidade III da Faculdade de Medicina, o Biomed III, o Colégio da Graça, as plataformas tecnológicas a localizar no Edifício da Física e da Química, entre outros. São de referir ainda a segunda fase do iTeCons, o novo Laboratório de Fogo e a expansão do Instituto de Sistemas e Robótica.

Na vertente da investigação quero realçar a notável colaboração conseguida entre a UC e algumas das associações privadas de investigação para a elaboração de projetos de investigação conjuntos ao QREN da Região Centro, num valor superior a 10 milhões de euros. Temos esperança de que estes projetos QREN, dada a sua dimensão, permitam também a contratação de professores auxiliares de carreira, para conseguir alguma renovação num corpo docente cada vez mais envelhecido, apesar de todas as restrições.

Já começámos também a alterar o regime de ocupação de espaços, no sentido de se tornar mais dinâmico. Não se pode aceitar que haja instalações muito subaproveitadas num setor, enquanto outros setores sentem grandes limitações à sua atividade por escassez de espaço. Quero referir aqui, a título de exemplo, a instalação do Centro de Arqueologia no Colégio de S. Jerónimo e a próxima utilização, pela Faculdade de Direito, do Palácio dos Melos, a antiga Farmácia, enquanto não for possível lançar a obra da nova biblioteca.

Um particular realce deve ser dado à expansão da nossa oferta de ensino para fora de Portugal. Depois dos nossos cursos já disponibilizados em Angola e Moçambique, estamos em vias de iniciar outros em Timor e em Macau. A oferta de ensino à distância também vai ter em breve um grande alargamento.

A Universidade de Coimbra tem de se assumir plenamente como Universidade de referência no mundo lusófono, fazendo a diferença pela Qualidade. Tem ainda de se reconhecer como Universidade de referência, muito em particular, para a Língua Portuguesa.

Têm vindo a ser dados passos muito importantes na ligação aos hospitais de Coimbra, em particular o previsto Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra, com o qual assinámos um protocolo muito importante. No Instituto de Ciências Nucleares Aplicadas à Saúde conseguiu-se já um funcionamento com grandes sinergias com os HUC, e as perspetivas de forte alargamento do trabalho conjunto são muito boas.

Na vertente do ensino quero saudar a entrada em utilização, em toda a Universidade, da plataforma de gestão académica Nónio, e saudar muito em particular toda a equipa que a desenvolveu e a vem aperfeiçoando. É uma ferramenta que nos abre enormes perspetivas, pela qualidade da informação que nos disponibiliza. As condições estão quase todas reunidas para que o processo de melhoria contínua possa passar a fazer parte do nosso dia-a-dia, o que representará um salto qualitativo enorme para a UC.



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

REITORIA

Iniciámos uma revisão profunda, já em concretização, das estruturas de produção cultural da UC. O Teatro Académico de Gil Vicente já está a reformular inteiramente a sua forma de intervir, com muito mais ligação quer ao ensino artístico e aos outros atores culturais da cidade e da região. As diferenças serão visíveis em breve. Vamos criar a curto prazo um centro de produção multimédia, na Casa das Caldeiras, de suporte à UCV e ao iTunes, mas também com boa capacidade de angariação de receita por prestação de serviços especializados.

Outras estruturas, como o Auditório da Reitoria e o Palácio de S. Marcos, já têm planos delineados para deixar de ser um custo e passarem a gerar receita para a Universidade. Por exemplo, na quinta do Palácio de S. Marcos vai passar a haver muito mais agricultura para abastecer as cantinas dos Serviços de Ação Social da Universidade de Coimbra. O circuito turístico e o *merchandizing* estão a melhorar consideravelmente a sua capacidade de geração de receita.

Termino esta rápida passagem pela intensa atividade da UC referindo o processo de planeamento estratégico em curso, particularmente necessário em época de escassez, onde nada pode ser desperdiçado. Este processo, que tem vindo a decorrer com grande participação de todos os interessados, internos e externos, está a chegar à reta final.

[III - Conclusão]

Dito tudo isto, quero reafirmar que o maior desafio continua a vir do exterior do país. O Espaço Europeu do Ensino Superior e o Espaço Europeu de Investigação são realidades cada vez mais presentes, mas também o espaço lusófono, e as novas zonas emergentes na América do Sul, em África e na Ásia são espaços de oportunidade. A crise de Portugal apenas torna mais premente a necessidade de internacionalização da nossa atividade e de obtenção de receita no exterior do país.

O país precisa de nós, e nós não podemos falhar.

Como a lamúria atrai a penúria,
ponhamos no medo um freio
e sejamos para Portugal um esteio.

A Universidade de Coimbra é semente do futuro de Portugal!

14 de Setembro de 2011

João Gabriel Silva